

A IDEIA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM PLATÃO E ROUSSEAU

The Idea of Integral Education in Plato and Rousseau

LORENZON, E. A.

JORGE, L. G. A.

Recebimento: 08/11/2011 - Aceite: 20/12/2011

RESUMO: A Educação Integral é um tema que permeia discussões hodiernas em torno dos rumos da educação contemporânea. Sua gênese pode ser percebida na ideia platônica de estado ideal, em que o homem deveria obter uma formação completa, do ponto de vista físico, moral, social e intelectual, a fim de bem conduzir o estado e participar da vida coletiva. Isso pode ser vislumbrado no diálogo “Alegoria da Caverna”. Na pedagogia de Rousseau, filósofo iluminista, surge a proposta de uma educação natural, visando uma formação autônoma para preparar o homem para o convívio social. Diante destas concepções emergem inúmeras ferramentas para refletirmos sobre nossas práticas pedagógicas, e a Educação Integral que almejamos.

Palavras-chave: Educação Integral. Platão. Rousseau.

ABSTRACT: The Integral Education is a theme that permeates today's discussions about the direction of contemporary education. Its genesis can be seen in the Platonic idea of the ideal state where the man should get a complete education, upon moral, social and intellectual point of view in order to lead the state and participate in the collective life. This can be glimpsed in the dialogue “Allegory of the Cave.” In Rousseau's pedagogy, an Enlightenment philosopher, the proposal comes from a natural education, aiming an autonomous formation to prepare the man for the social life. Given these conceptions, numerous tools emerge to reflect upon our pedagogical practices, and the Integral Education aimed.

Keywords: Integral Education. Plato. Rousseau.

Introdução

Refletir sobre a Educação é enveredar-se por um caminho subjetivo, com respostas incertas, muitas propostas e experiências, cada qual emersa em sua especificidade histórica. Diante deste pressuposto é que se mostra pertinente o estudo das propostas, no campo educacional, dos filósofos Platão e Rousseau. Embora pertencentes a épocas distantes, suas ideias foram essenciais para a construção de um conceito de Educação Integral, questão esta que ocupa um patamar de destaque na contemporaneidade, por ressignificar o papel e a abrangência da escola e da educação como um todo dentro da sociedade.

Tanto Platão como Rousseau foram homens de ‘seu tempo’, imbuídos por uma cosmovisão e uma leitura de mundo que determinavam seus discursos, no caso de crítica à sociedade e ao conservadorismo das práticas educacionais. Ambos conceberam uma proposta de educação revolucionária para sua época, primando pelo desenvolvimento de um homem completo, autônomo e moral, pronto para inserir-se na sociedade e desempenhar o seu papel, visando o bem comum.

A partir destas considerações, este trabalho objetiva analisar a concepção de Educação Integral existente nas obras de Platão e Rousseau, verificando a influência do contexto histórico em sua formulação. Mais especificamente, busca-se refletir como as propostas destes filósofos aplicar-se-iam nas sociedades em que ambos se inseriam e que tipo de mudança social engendravam. Além do mais é indispensável saber a existência de um sentido de utilidade, que ambos atribuíam à educação, e sua importância para a formação de um homem integral.

Os instrumentos utilizados nesta análise centram-se na leitura, discussão e sistematização

do discurso “Alegoria da Caverna”, contido na obra “A República”, do filósofo grego Platão, e, também, do livro “Emílio ou Da Educação”, escrito por Jean-Jacques Rousseau. Como material de apoio foram usados artigos e livros elaborados por autores que discutiam as ideias dos filósofos analisados, fornecendo-nos base para a interpretação das informações e construção deste trabalho.

Priorizou-se, também, a conexão da concepção de Educação Integral dos pensadores em questão com o atual contexto educacional, tendo em conta a construção de um discurso que traga contribuições aos debates contemporâneos em torno da educação. É neste ponto que se revela a atualidade das ideias de Platão e Rousseau, e da importância que tem a filosofia para fomentar discussões, e auxiliar na compreensão da desconexão existente entre o ensino fornecido pelas escolas e as exigências sociais. Para tal, iniciaremos com o estudo da proposta de educação de Platão.

Platão e a Educação

Platão foi um filósofo grego, que viveu na cidade de Atenas, entre 427 a 347 a.C e, por ser discípulo de Sócrates muito preservou de suas ideias e conceitos. As opiniões políticas de Platão e posições em relação à educação, que deveriam primar pelo bem da coletividade, foram moldadas, dentre outros motivos, em virtude da morte de Sócrates, por considerar-se as ideias deste filósofo corruptoras da juventude de seu tempo. Faz-se presente também, no pensamento platônico, a crítica à forma de condução da educação de seu tempo, realizada pelos sofistas, e movida pelo desejo de preparação de oradores para seguir a vida política na pólis.

Deve-se ter em mente que Platão foi um habitante de Atenas, filho de pessoas influen-

tes, e que seus escritos e posicionamentos foram elaborados tendo por base a sociedade de seu tempo. Muito embora seus dizeres possam ser relacionados à nossa época, devem ser vislumbrados na especificidade de seu contexto, salvo contrário corre-se o risco de um anacronismo histórico e filosófico

No período em que Platão viveu não existia Grécia tal qual a conhecemos hoje. O território grego, moldado culturalmente por muitos povos durante séculos, configurou-se politicamente não em um estado, mas sim em cidades. Estas cidades, denominadas Pólis ou cidades - estado, possuíam governos próprios e independência política e econômica entre si; cada qual detinha diferentes modos de organização interna e, a depender do período histórico, revezavam-se em influência no que hoje é o estado moderno grego.

No período anterior à Platão, a hegemonia da região recaía sobre a cidade-estado de Atenas, cujo modelo político centrava-se na democracia (governo da maioria). O contexto era marcado pela efervescência cultural da cidade: construía-se obras públicas, as artes floresciam, havia muito progresso no campo do conhecimento, bem como circulação de pessoas e mercadorias. A democracia, sustentada pelo modo de produção escravista, era a forma de organização política de Atenas, admirada por muitos até hoje, um dos motivos da crítica de Platão à sociedade a que pertenceu é um ponto chave na formulação de seu pensamento educacional.

A época em que Platão viveu foi marcada por muitas disputas e guerras entre as cidades – estado gregas, tendo como pano de fundo o imperialismo ateniense . Em 404 a.C., após anos de disputas, Atenas acaba por ser derrotada por Esparta e sua coligação, abalando a democracia como sistema político e colocando no poder a oligarquia dos Trinta Tiranos, inaugurando um período complicado para cidade - estado. Além do mais, em 399 a.C. Sócrates, seu mestre, é condenado

à morte pela assembleia ateniense com a alegação de que seus ensinamentos corrompiam a juventude: estes dois fatos marcaram profundamente as concepções de educação e de política de Platão .

Para Platão, a democracia ateniense era permeada pelo excesso de liberdade e imprudência dos governantes, motivos de origem da tirania. Isso fez com que ele perdesse a confiança no sistema político de seu tempo, e concebesse uma ideia de educação vinculada à política, com fins de produzir cidadãos comprometidos com a coletividade.

Até então a educação ateniense era feita pelos sofistas, e destinava-se a formar os futuros governantes da cidade através do desenvolvimento do dom da oratória, que deveria ser convincente, enaltecendo a individualidade, com fins de obtenção de uma posição de destaque na vida política e social de Atenas. Não se visava a educação do povo, haja vista que os sofistas eram remunerados, bem como não havia a preocupação com o preparo ético dos governantes e dos cidadãos, no sentido de pertencimento a um estado, a uma coletividade.

Diante desta realidade é que Platão concebe sua obra e nela fica clara a vinculação da educação à política, visando à formação de um governante completo, possuidor de virtudes: sapiência, fortaleza, temperança e justiça. Estas se desenvolveriam a partir de um processo educacional lento, que se daria no âmbito físico, moral e intelectual e, sendo a educação um bem do estado, quem fosse por ela beneficiado, deveria voltar-se à realização do bem comum. A função de governar uma cidade deveria ser realizada por quem detivesse o preparo, obtido através do estudo.

Este pensador concebe um estado ideal, governado por homens dotados de sabedoria, em que o bem comum é posto acima de qualquer interesse individual. Os governantes deste estado deveriam ser preparados para conduzir os assuntos públicos através da

educação. Esta deveria durar aproximadamente cinquenta anos a fim de selecionar, por meio do desenvolvimento das virtudes, os integrantes que comporiam as três classes do estado ideal, para que cada uma cumprisse seu papel dentro da sociedade.

A educação deveria ser fornecida pelo Estado, que tem a responsabilidade de formar seus cidadãos, estendida a todos os habitantes da pólis e utilizada como um veículo de seleção e avaliação das aptidões de cada um. Desta forma quem se destacasse na virtude da temperança, destinar-se-ia ao artesanato e comércio; se a coragem prevalecesse no indivíduo, seria incluído na classe dos guerreiros, mas se na pessoa houvesse aptidão para os estudos filosóficos, estes deveriam ser aprimorados, com fins de formação dos futuros governantes, através de um processo lento, que se finaliza em torno dos 50 anos. É clara a vinculação das ideias educacionais de Platão à política pois, em seu tempo, esta possuía grande importância para os homens, configurando o modo de vida e a organização social dos gregos.

A síntese de concepção de estado ideal e da importância da educação no pensamento Platônico podem ser observados em sua obra “A República”, escrita entre 380 a 370 a.C., mais especificamente no Livro VII, diálogo conhecido como a alegoria da caverna. Neste texto, Platão interage com Glauco, tecendo um discurso complexo em termos de significado, compondo um programa educacional para formar um cidadão completo, através do desenvolvimento do corpo e da alma, esta última por meio da dialética: “...as outras qualidades chamadas da alma podem muito bem aproximar-se das do corpo; com efeito, se não existiram previamente, podem criar-se e depois pelo hábito e pela prática” (PLATÃO, 2008, p. 214).

Na caverna imaginada por Platão está um grupo de homens, preso a correntes, a observar o fundo da mesma. As poucas ima-

gens que vêm são sombras projetadas por uma fogueira situada às costas do grupo; é este o mundo que conhecem, tendo-o como a realidade. Este grupo Platão considera a sociedade de seu tempo, detentora de uma visão de mundo restrita, crente que a realidade é somente o que se lhes evidencia diante dos olhos.

É o mundo sensível que Platão nos apresenta, em que a superficialidade da realidade não é contestada, considerando-se as pessoas meras expectadoras dos fatos; os grilhões são a ignorância e é esta a responsável pela ‘mesmice’. Para Platão existia a necessidade de mudanças na percepção acerca do que era a verdadeira realidade, por parte da sociedade e dos governantes gregos. A educação seria a base para transcender o artificialismo do mundo visível, através da formação de indivíduos responsáveis pelo bem comum. É neste sentido que se dá a crítica à instrução sofisticada, por esta focar-se em posições individuais.

A significância das ideias de Platão reside no fato de propor um estado e um meio de construí-lo, que é a educação e, “a educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo” (PLATÃO, 2008, p. 214). Este ponto abre-nos um leque reflexivo acerca da sociedade de nosso tempo, imbuída na falta de reflexividade e interesse no bem comum, fechada no individualismo; faz-nos pensar também na formação que recebemos e em nossa responsabilidade como formadores das futuras gerações: qual é a proposta de educação para formarmos cidadãos que surge em nosso tempo? Qual é a utilidade prática do que ensinamos para a vida e para a coletividade?

Na alegoria da caverna, um dos homens presos é forçado a abandoná-la e inserido no mundo do conhecimento. Após um período de adaptação, onde habitua-se à nova situação, compreende o estado de ignorância em que se encontrava, e os limites que os ‘grilhões’ impunham à sua liberdade. Para

Platão isso significava a passagem do mundo aparente e visível, para um estágio superior, o mundo ininteligível, em que a alma buscaria a ideia de bem. Esta passagem só seria possível por meio de um processo educacional lento, que desenvolvesse o corpo em consonância com a alma, formando um cidadão completo, ético e justo. Um dos méritos de Platão é considerar o ser humano apto à mudança, e a prática e o hábito como fundamentais no desenvolvimento das qualidades de homem.

Ao sair da caverna e instruir-se, o homem adquire a consciência de zelar pelo bem comum, aplicando a justiça e conduzindo a cidade para o caminho do bem. Os governantes, para o filósofo, deveriam ser escolhidos dentre os que tivessem perpassado pelos estudos da ginástica, música, educação militar, inserção e aprofundamento dos estudos matemáticos e no domínio da dialética. A partir de então, já por volta dos 35 anos, o homem dedicava-se às funções públicas, podendo tornar-se governante após completar os 50 anos.

Pode-se perceber que o objetivo da educação para Platão era formar cidadãos a fim de habitar um estado perfeito, existente no mundo das ideias. Com a alegoria da caverna, ele fornece o meio, a forma para fazer com que as pessoas despertem do estado letárgico para outro de inteligência: a educação é que deveria colocar o homem na direção certa, ou seja, do Bem e da Verdade. Além do mais, os que detinham a sabedoria e, por isso deveriam governar, adquiriam também a responsabilidade pelo bem de todos, sábios, guerreiros ou simples artesãos.

A educação idealizada por Platão tem um caráter político explícito, pois objetivava a formação da elite dirigente do estado, e dos cidadãos que o habitariam. Isso porque a política, em seu tempo, era a ocupação prática dos que a lei considerava cidadãos atenienses, tendo o conhecimento, obtido por meio da instrução, aplicação direta nos

assuntos cotidianos da cidade – estado. O pensamento educacional de Platão critica, também, a educação de seu tempo, que não visava a formação de governantes cidadãos, mas sim primava por uma instrução descomprometida com o interesse comum.

Pressupostos Educacionais de Rousseau

Rousseau foi um pensador da Europa do século XVIII e, como intelectual de seu período histórico, integrante de uma corrente de pensamento que se convencionou denominar de Iluminismo, cuja base alicerçava-se na racionalidade e no esclarecimento que o cientificismo trouxe à humanidade. Tal ideário contrapunha-se às concepções teológicas de então, defendidas pela Igreja Católica, tendo inclusive implicações políticas consideráveis, por contestar o caráter divino das monarquias europeias.

Aliado a este contexto, crente nas aptidões humanas, emergia como classe dominante a burguesia, que consolidava, aos poucos, uma sociedade urbana e industrial. Rousseau, filho desta época, presencia a efervescência social provocada pelo processo de industrialização e o conseqüente aumento populacional das cidades, que veio acompanhado, também, por mudanças dos valores sociais. Inicia-se a consolidação de uma sociedade pautada no individualismo e na competição, imergindo, como um todo, em relações sociais pautadas no artificialismo e nas aparências. Isso terá influências significativas nas ideias de Rousseau, sobretudo no que tange à sua proposta educacional.

Em termos de educação, esta era restrita às elites; as crianças, por sua vez, eram vistas como pequenos adultos, e o fato de se comportarem como tal era determinante das relações afetivas familiares, devendo comportar-se e frequentar lugares e situações

restritos a adultos. A preocupação com a temporalidade da aprendizagem era, praticamente inexistente, tendo em conta, também, a inclusão precoce destas crianças no mercado de trabalho.

Um ponto que merece destaque, situado neste recorte temporal, é o surgimento da escola moderna, agregada aos ideários da Revolução Francesa. Foi um elemento essencial para o Estado Nacional por centrar-se na reprodução de saberes e disciplina do corpo e da mente, a fim de consolidar uma identidade nacional, além de capacitar operários à nascente indústria. É desta escola que somos herdeiros e muita de sua lógica de funcionamento permanece e, descontextualizada a prática, torna-se anacrônica em finalidades.

Jean-Jacques Rousseau, diante da sociedade setecentista, era um defensor da liberdade e da formação de um estado igualitário. Neste estado, as interações seriam permeadas por meio de um contrato, tendo em conta o caráter sociável do homem, visando a harmonia do corpo coletivo. Como caminho para se chegar à sociedade contratual, Rousseau faz uso da Educação e, ao fazê-lo, concebe as raízes da pedagogia moderna, através do projeto de Educação Natural explicitado no Emílio.

Emílio é o nome dado por Rousseau a seu aluno fictício, que, juntamente com seu preceptor, percorrem um trajeto educacional de aproximadamente 25 anos, objetivando a formação de um ser humano autônomo, sociável e moral. Rousseau estabelece um método educacional que valoriza o desenvolvimento da criança, tendo em conta a temporalidade e necessidades de aprendizagem da mesma, considerando o desenvolvimento sensorial, mental e moral do ser humano.

No Emílio explicitam-se três fases necessárias à formação do homem, cada qual com aprendizagens específicas, condizentes com a idade, capacidade e necessidade da criança, adolescente ou jovem. A infância, período

que vai até os 12 anos, é considerada a fase em que a criança depende, sobretudo nos primeiros anos, dos adultos para sobreviver. É latente, neste aspecto, a preocupação de Rousseau com o desenvolvimento sensorial e experimental da criança, necessários à construção de sua autonomia, que deve acontecer por meio do conceito de liberdade bem regada. Isso significa ausência de impedimento, no sentido de permitir que a natureza cumpra seu papel de educadora, mas não a ausência de autoridade por parte do responsável.

Nesta primeira fase, a educação proposta por Rousseau deveria ser a mais natural possível, focando a liberdade da criança, mas tendo a agudeza de discernir entre os desejos necessários e úteis daqueles regrados pelo vício, os quais comprometem a construção da moralidade. Segundo Dalbosco (2009), o adulto, para Rousseau, tem a responsabilidade de conduzir a criança, através da educação pelas coisas, pelo caminho natural, significando este o desenvolvimento das aptidões naturais mediante a inserção progressiva da criança no universo da sociabilidade humana. O fio condutor deste objetivo repousa no cuidado e atenção do adulto, no sentido de atendimento apenas das necessidades naturais da criança, em contraposição à vícios e fantasias, os quais desvirtuariam o caráter do futuro homem.

A segunda fase envolve o período dos 12 aos 15 anos e é designada como a época da força, correspondendo à adolescência. É nesta fase que a força física do ser ultrapassa os limites de suas necessidades naturais e a criança adquire a capacidade de se adaptar às circunstâncias. É necessário sensibilidade para canalizar o excedente da força em atividades que corroborem para a formação das ideias e emissão de juízos.

O adolescente precisa ser orientado a ter uma profissão, não desmerecendo o senso de utilidade que deve ser empregado na perspectiva do amor à ciência e aos métodos do

aprender. É aqui que se inicia a educação racional e social, através da inserção do método discursivo, o que caracteriza um deslocamento da centralidade da educação pelas coisas, para uma pedagogia baseada no contrato e na negociação, premissas estas que permeiam a sociabilidade humana e são essenciais para a formação do homem em Rousseau.

O desenvolvimento da socialização, iniciado na segunda fase, é a pedra de toque que norteia a “idade das razões e das paixões” entre os 15 e os 20 anos. Em contraposição ao nascimento biológico, Rousseau dá a este período a conotação do nascimento do homem para a sociedade, pois é onde se inicia a relação com outros homens e com o mundo. É nesta fase que o jovem é preparado para ingressar na sociedade, por meio da aquisição e desenvolvimento do ponto de vista moral, jurídico e político. É nesta fase da vida que Emílio, gozando de maturidade, é apresentado à sociedade.

Rousseau acompanha seu aluno por mais alguns anos, dos 20 aos 25, no processo final de sua educação. Nesta fase, Emílio, imbuído da sabedoria para exercer-se socialmente, busca a companheira ideal para o casamento e a encontra na pessoa de Sofia, que, assim como Emílio, também foi preparada para ocupar seu lugar na sociedade. É no Livro V que o pensador trata da educação feminina e suas diferenças, em termos de método e formação, em relação ao homem. A preocupação central, em ambos os casos, é a preparação de um homem e de uma mulher aptos a conviver e participar da sociedade.

O cerne da pedagogia de Rousseau repousa na ideia de educação natural, por acreditar ser a sociedade promotora de valores artificiais, não colaborando para a formação moral e autônoma do homem. Por isso é que apregoa para a criança, inicialmente, uma educação solitária, baseada na lei da necessidade e do cuidado, seguindo o princípio da educação pelas coisas, a saber das potenciali-

dades e limites inerentes à temporalidade da criança, adolescente ou jovem.

Paralelo à dimensão sensorial, Rousseau atribui grande valor ao senso de utilidade do aprendizado, e sua conexão imediata à necessidade que se apresenta. Progressivamente ao desenvolvimento do saber empírico, insere-se a instrução epistemológica, voltada à formação social do homem e permeada por princípios contratuais e de negociação. Ou seja, nos pontos essenciais para o convívio social. Assim educado, o homem aprende a ser autônomo diante de seus iguais, não se corrompe com os artificialismos sociais e se prepara, sob o ponto de vista político, para ocupar seu papel na coletividade do Estado Contratual.

Rousseau foi o primeiro pensador moderno a vislumbrar a dimensão temporal do desenvolvimento cognitivo da criança, chamando atenção para a responsabilidade da família na educação, por esta iniciar-se com o nascimento. É pertinente vislumbrar, também, a importância dada à questão da sensibilidade e da necessidade, essenciais para a percepção e compreensão do mundo físico e, por intermédio dele, o desenvolvimento da curiosidade empírica. Esta, estimulada, converte-se na vontade de saber, aprofundando naturalmente o conhecimento.

A naturalidade pelo qual Emílio aprende é fruto de um conceito de liberdade bem regrada, presente desde o nascimento. Essa liberdade objetiva tornar a criança, adolescente e jovem forte em todos os sentidos (físico, moral, político), visando a formação de um homem livre. Hodiernamente percebe-se, nos métodos educacionais, a carência de um ensino voltado à sensibilidade, ao estímulo e desenvolvimento de ideias e experiências com vistas a autonomia.

Cabe reflexão séria também sobre a falta de liberdade e os níveis de constrangimento a que são submetidos nossos alunos, ocupando

espaços educativos delimitados por paredes e muros, cuja ‘funcionalidade’ implícita é a padronização do pensamento, para posterior inserção pacífica na sociedade de consumo. A domesticação dos corpos perpassa o limite físico para tornar-se mental e intelectual.

Rousseau propôs uma pedagogia capaz de formar um homem emancipado, cujos valores superassem a superficialidade das relações sociais de seu tempo. Neste ponto é que nos questionamos acerca das possibilidades emancipatórias que oferecemos aos alunos que educamos. A sociedade contemporânea é desigual e permeada por relações de superficialidade e individualismo que, embora esboçam-se concepções que valorizem um estilo de vida holístico, acentuam-se cotidianamente.

Platão e Rousseau: Confrontando Ideias

Após breve exposição das principais ideias destes pensadores acerca da educação, vislumbra-se, na proposta de ambos, alguns pontos em comum que podem servir como base para reflexões hodiernas sobre o tema. Um fato que deve ser levado em conta é o contexto de produção do discurso, pois tanto Rousseau como Platão redigiram tendo em conta a ‘sua’ contemporaneidade, e a necessidade de críticas e propostas educacionais que a leitura social a eles impôs.

Um aspecto enfatizado pelos dois pensadores se relaciona à superficialidade e artificialismo da realidade, que não permite ao homem o desenvolvimento de suas aptidões morais e do sentido de bem comum. Para Platão, a superficialidade se refere ao estado de ignorância a que o homem está submetido, incapaz de perceber a própria letargia e contestar imposições, vislumbrando a responsabilidade do estado na formação de

seus cidadãos. Já para Rousseau, o sentido da artificialidade se expressa nas relações interpessoais da sociedade de seu tempo, corruptora da moralidade natural do homem. A educação é por ele percebida em suas dimensões pública (educar para conviver na sociedade contratual) e doméstica (evitar corromper-se com vícios: dimensão do cuidado). Ambos criticam a educação de seu tempo, e a ineficácia desta para a formação de cidadãos comprometidos com o bem comum

Outra semelhança é o fato de estabelecerem um período longo para a educação, 50 anos para Platão e 20/25 em Rousseau, período em que as potencialidades dos homens deveriam ser desenvolvidas, com vistas à formação de um ser autônomo e responsável quanto ao seu papel na sociedade. Em ambas propostas vislumbra-se a preocupação com o desenvolvimento do corpo em consonância com a mente, merecendo destaque a preocupação com as temporalidades de aprendizagem inerentes à cada fase da vida, paralelas ao desenvolvimento moral

Existem diferenças quanto aos objetivos, já que em Platão, a educação torna-se um veículo seletivo de aptidões, cuja prevalência define a configuração dos papéis sociais. Somente aos que tivessem ‘vocação’ para os estudos filosóficos é que seria dada a possibilidade na assunção aos cargos da administração pública. Daí o caráter político da pedagogia idealista platônica. Já para Rousseau não há aptidão a ser selecionada, mas liberdade, por parte do ser em formação, em definir o que lhe agrada, embora a instrução objetiva a construção de um homem preparado para assumir seu papel na sociedade.

Ambos os pensadores apresentam proposta de um estado ‘ideal’ e estabelecem uma pedagogia para formar cidadãos imbuídos do sentido de coletividade. A educação associava o desenvolvimento do corpo e da mente ao senso de utilidade, tendo o conhecimento a finalidade de intervir no cotidiano. Isto fica

claro quando Platão propõe o estudo da matemática aos guerreiros, por esta ciência ter aplicação direta no cotidiano dos soldados, pois em seu tempo, as atividades bélicas eram frequentes. Veja o que fala Platão a Glauco:

- Logo, que outra ciência havemos de considerar necessária a um guerreiro, como a de poder calcular e contar?

- Essa mais do que todas, se quiser compreender alguma coisa de tática, e mais ainda, se quiser ser um homem (PLATÃO, 2008, p. 219).

O senso de utilidade é igualmente relevante em Rousseau, sendo por ele considerado fundamental no desenvolvimento da capacidade de emissão de juízos, premissa básica para a distinção do bem e do mal. Para Rousseau:

assim que ele consegue distinguir o que é útil do que não é, importa usar de muita cautela e de arte para conduzi-lo aos estudos especulativos. (...) Até agora não conhecemos outra lei, que não a da necessidade; agora nos deparamos com o que é útil; logo chegaremos ao que é conveniente e bom (ROUSSEAU, 2004, p.214) .

Dentre todos os pontos abordados é interessante a importância atribuída, por Platão e Rousseau, a temporalidade necessária para a educação e sua conexão com a sociedade. A formação do homem por eles proposta não se reduz a uma instrução bancária, mas prevê o desenvolvimento corporal conexo ao intelecto. Nos diz Rousseau: “à atividade do corpo, que procura desenvolver-se, segue-se a atividade do espírito, que procura instruir-se” (ROUSSEAU, 2004, p. 214). Ou seja todo o tempo, todo o espaço e toda a atividade praticada, física ou intelectual, possuíam dimensão educativa.

Neste ínterim, a natureza, a família, sociedade e o estado detinham a responsabilidade

de educar os cidadãos dentro de uma perspectiva de integralidade. Percebe-se, diante das propostas destes pensadores, uma perspectiva de educação integral, tema este em pauta nos discursos educacionais hodiernos.

Considerações Finais: Dilemas da Educação Contemporânea

A época que sucedeu a Rousseau consolidou o modelo de civilização que se esboçava em seu tempo. A crença na ciência e na técnica acentuou-se e levou os homens a desenvolver uma visão mecanicista e fragmentária da natureza e da sociedade. Segundo Behrens (BEHRENS, 2005), houve a separação entre mente e matéria, com uma consequente departamentalização do conhecimento, visando a maior eficácia. Isso fez com que o homem adquirisse “uma visão fragmentada não somente da verdade, mas de si mesmo, dos seus valores e dos seus sentimentos” (BEHRENS, 2005, p. 17), gerando perda de unidade , a padronização do pensamento, acentuando-se valores individualistas e , com eles, uma sociedade desigual.

Para a educação, a sociedade da ciência consolidou uma linha de pensamento reducionista, caracterizada pela cisão entre corpo e mente, gerando a perda de referência do todo, sobretudo dos sentimentos e da ética. Nas escolas, o conhecimento, meramente reproduzido por via de tarefas repetitivas, deixou de ter sentido e significado útil a quem os realiza, inibindo o desenvolvimento da criatividade, da possibilidade da construção da autonomia e com ela, dos valores humanos. Tendo em mentes as ideias educacionais de Platão e Rousseau, é que se pode vislumbrar a preocupação dos mesmos com a integração de corpo e da mente, como essenciais para a formação do homem, e como a escola moderna desvirtuou-se desta premissa.

Uma das grandes questões que se impõe na contemporaneidade é a superação do modelo educacional reducionista. Este pode ser vislumbrado na estrutura física da escola, edificada para disciplinar e controlar, na disposição da mobília das salas, na divisão curricular por disciplinas e conteúdos e, até mesmo no fato de a escola tornar-se a única responsável pelo ensino. Isso revela a ausência de responsabilização da família pela educação, com consequências marcantes no campo ético e moral, bem como a restrição de espaços cotidianos e sociais da dimensão educativa.

As últimas décadas, diante deste contexto, vem trazendo mudanças que requerem reflexão acerca da estrutura de nossas instituições de ensino. Estas mudanças relacionam-se à velocidade das inovações científicas e à massificação da informação, que relativiza a posição dos conhecimentos consolidados. Isso exige uma nova relação entre a escola e

os alunos, pautada na flexibilização curricular e no desenvolvimento de uma postura ativa e autônoma deste, frente ao conhecimento. Diante da sociedade que se integra mundialmente, as práticas educativas adquirem uma conotação ampla, vinculada ao cotidiano e ao prazer em aprender em diferentes espaços.

É neste ponto que a educação integral emerge como resposta a este impasse. Propondo ampliação dos tempos e espaços educativos, vislumbra uma escola pulsante e conectada com a sociedade, buscando a associação entre o desenvolvimento do corpo e da mente, semelhante ao que Platão e Rousseau propunham, cada qual em seu tempo. Assim como os pensadores analisados, a Educação Integral, ainda incipiente, surge como proposta capaz de romper com a fragmentação (no sentido ético, econômico, social, curricular) que impera nas escolas, constituindo-se em alternativa na consolidação de uma sociedade democrática e plural.

AUTORES

Elaine Aparecida Lorenzon - Prefeitura Municipal de Chapecó - Funcionária Pública. Cursando Especialização em Educação Integral na Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: ellorenzoni@yahoo.com.br.

Luísa Guiomar Aresi Jorge - Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Auxiliar de Projetos. Cursando especialização em educação integral na Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: gui@unochapeco.edu.br.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

DALBOSCO, Claudio Almir. **Paradoxos da Educação Natural no Émile de Rousseau: os Cuidados do Adulto**. Ed. Soc. Campinas, Vol. 30, nº 106, p. 175 – 193, jan/abr: 2009. Via Internet. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 04 fev. 2011.

LASCH, Rudinei; SANTOS, Marcos André; SOMAVILLA, Luciano. **A importância da educação na**

formação do indivíduo em Platão. Via internet. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma>. Acesso em: 01 fev. 2011.

LOMBARDI, José Claudinei. **Globalização, pós-modernidade e educação.** Autores Associados, 2003.

MENDES, Fábio. **Um Novo Modelo de Ensino para o Século XXI.** In: Revista Pátio. Ano XIII, n. 51, ago/out. 2009.

MOLL, Jaqueline. **Um paradigma Contemporâneo para a Educação Integral.** In: Revista Pátio. Ano XIII, n. 51, ago/out. 2009.

MOREIRA, Janete Gayer. TELESCA, Marisa dos Santos. PEREIRA, Silvia. et al. **O Conceito de Liberdade na Pedagogia Rousseauiana: uma análise do livro II do Emílio.** Via internet. Disponível em: <http://rousseaustudies.free.br>. Acesso em 02 fev. 2011.

O MÉTODO de Ensino no Estado Ideal de Platão. Via internet. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes>. Acesso em 31 jan. 2011.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Editora Martin Claret LTDA, 2008.

WEINFORTNER, Almir José. Livro III – Emílio: **formação de um homem independente.** Via internet. Disponível em: <http://www.oocities.com/sociedadecultura>. Acesso em 01 fev. 2011.

SANTOS, Almir Paulo dos. **O Pensamento Pedagógico de Rousseau e a Educação na Infância.** Via Internet. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf>. Acesso em 07 fev. 2011.

SILVA, Vanessa; ANSAI, Rosana Beatriz. **A importância e a contribuição da filosofia para a educação.** FAFIUT, 2008. Via Internet. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/artigofilosofia.pdf>. Acesso em 02 fev. 2011.

